

CCM recebe o Natal e o Ano Novo com propostas para os mais novos

MARIONETAS

Presente-se, ainda que longinquamente, a chegada do Natal com o anúncio dos primeiros espectáculos que pontuam a época. O Centro Cultural de Macau (CCM) assume a dianteira e divulgou ontem duas propostas direccionadas para o público infantil. A Companhia de Teatro Hikosen, do Japão, apresenta, no fim-de-semana de Natal, o musical de marionetas “O Maravilhoso Feiticeiro de Oz”. Uma semana depois, o Teatro de Marionetas de Norwich recebe o Novo Ano com a peça “Três Cores”. Não se trata de uma estreia do Teatro Hikosen em Macau. A companhia japonesa regressa ao território depois de já aqui ter apresentado um conjunto de espectáculos, de Peter Pan à comédia A Ilha do Tesouro, ou ainda o musical Chibi Maruko Chan. O regresso a Macau acontece com um clássico, “O Maravilhoso Feiticeiro de Oz”, baseado no conhecido conto norte-americano: “Dobrado em cantonense e legendado em inglês, o espectáculo leva miúdos a partir dos três anos a viajar pelo mundo mágico de Dorothy e companhia, através de uma colorida versão da eterna aventura que continua a encantar gerações e inúmeras culturas pelo mundo fora”, escreve o Centro Culturam de Macau, em comunicado. Já o Teatro de Marionetas de Norwich, chega de Inglaterra, “onde há mais de 35 anos produz espectáculos originais, workshops e diversos projectos teatrais. Para além de uma extensa lista de digressões pelo Reino Unido, a trupe tem sido convidada para actuar em festivais em todo o mundo”, diz a mesma nota. O espectáculo com que os britânicos se apresentam no CCM, “Três Cores”, junta projecções, movimento corporal e música, e dirige-se a crianças a partir dos dois anos. O “Maravilhoso Feiticeiro de Oz”, sobe ao palco do Grande Auditório do CCM a 23 e 24 de Dezembro às 19h30, e no dia 25 às 15 horas. O preço dos bilhetes varia entre as 100 e as 180 patacas. O espectáculo “Três Cores”, chega ao Pequeno Auditório a 30 de Dezembro, às 19h30, voltando a subir ao palco a 31 de Dezembro às 11, 15 e 17 horas e a 1 de Janeiro, às 15 e às 17 horas. O bilhete tem o preço único de 180 patacas. Os ingressos podem ser adquiridos a partir de 30 de Outubro.

O mundo auto-suficiente de Chen Li

O Departamento de Inglês da Universidade de Macau promoveu recentemente um fórum para discutir o desenvolvimento da poesia experimental entre culturas e línguas. A iniciativa contou com a presença do reconhecido poeta taiwanês, Chen Li.

WENDI SONG

PONTO FINAL/MACAU CLOSER

A convite do Departamento de Inglês da Universidade de Macau (UM), Chen Li juntou-se à mesa redonda “Poesia e Experimentação entre Línguas e Culturas” que se realizou na semana passada na Universidade de Macau e da qual fizeram parte outros literatos internacionais, como o poeta escocês Peter McCarey e o poeta inglês Chris McCabe. O certame serviu, sobretudo, para discutir o desenvolvimento de intercâmbios experimentais de poesia – em particular, a poesia concreta e visual – entre culturas e línguas, nomeadamente inglês, português e chinês.

No fórum, Chen Li discorreu sobre “Experimentações Poéticas com Caracteres Chineses”, apresentando os resultados da sua pesquisa e os trabalhos criativos de poemas visuais, incluindo uma das suas mais conhecidas criações, “A War Symphony”, fazendo um jogo entre os caracteres chineses “” (em português, soldado), “” (que se assemelham a um soldado com apenas uma perna, e que juntos são duas palavras onomatopeicas que imitam o som da colisão ou de tiros) e “” (que significa, em português, túmulo ou terreno baldio). Com a interacção entre os três caracteres Chen Li propõe-se expor a crueldade da guerra.

O poema já foi traduzido para várias línguas e foi seleccionado para antologias em Taiwan e até mesmo nos Estados Unidos da América. Publicado por McGraw-Hill em 2009, o volume de pendor universitário “Literature: Craft and Voice” introduz Chen Li como tendo “passado por variadíssimas fases na sua poesia, utilizando primeiro a técnica odernista, demonstrando, depois, a sua consciência política e social e, finalmente, aprofundando temas ecléticos”.

Nascido em 1954, em Taiwan, Chen Li é considerado um dos melhores representantes da poesia contemporânea chinesa na Formosa. Depois de ter sido convidado para o “Festival Internacional de Poesia de Roterdão” em 2009, começou a participar cada vez mais em eventos no panorama internacional e os seus trabalhos começaram a ser traduzidos para outras línguas desde então. Em 2012, foi convidado para o “Poetry Parnassus”, um festival de poesia olímpica, em Londres, representado a sua terra-natal.

Para além de ser autor de mais de 14 livros, Li é também conhecido por ser um tradutor prolífico. Em conjunto com a sua esposa Chang Fen-ling, já traduziu mais de 20 volumes de poesia para chinês, incluindo obras de Sylvia Plath, Seamus Heaney, Pablo Neruda, Octavio Paz, Wislawa Szymborska, Tomas Transtörmer e Yosano Akiko.

O trabalho substancial que conduz tendo em vista a tradução de poesia Latino-americana não o ajudou apenas a construir o seu próprio estilo de escrita, mas também a quebrar barreiras políticas entre o Estreito de Taiwan e a China Continental. A tradução de Chen Li da poesia de Pablo Neruda foi recebida em 1990, no seio dos jovens intelectuais da China Continental, como algo inovador., “Latin American Modern Poems”, um vasto



EDUARDO MARTINS

projecto de tradução que leva já mais de 600 páginas, foi escrito gradualmente palavra por palavra e partilhado na Internet pelos seus leitores na China Continental, devido à dificuldade em comprar livros taiwaneses no Continente naquela altura. A sua tradução da

obra de Wislawa Szymborska, publicada na China Continental em 2012, vendeu mais de 100,000 cópias num só ano.

Durante anos, Chen Li foi o principal responsável por introduzir muitos poetas menos conhecidos ao mundo chinês. Chen relem-

brou uma história interessante sobre como começou a traduzir o poeta polaco Czeslaw Milosz, laureado com o Prémio Nobel da Literatura em 1980. Na noite anterior à revelação do prémio, em Outubro de 1980, por volta das 21h, Chen re-

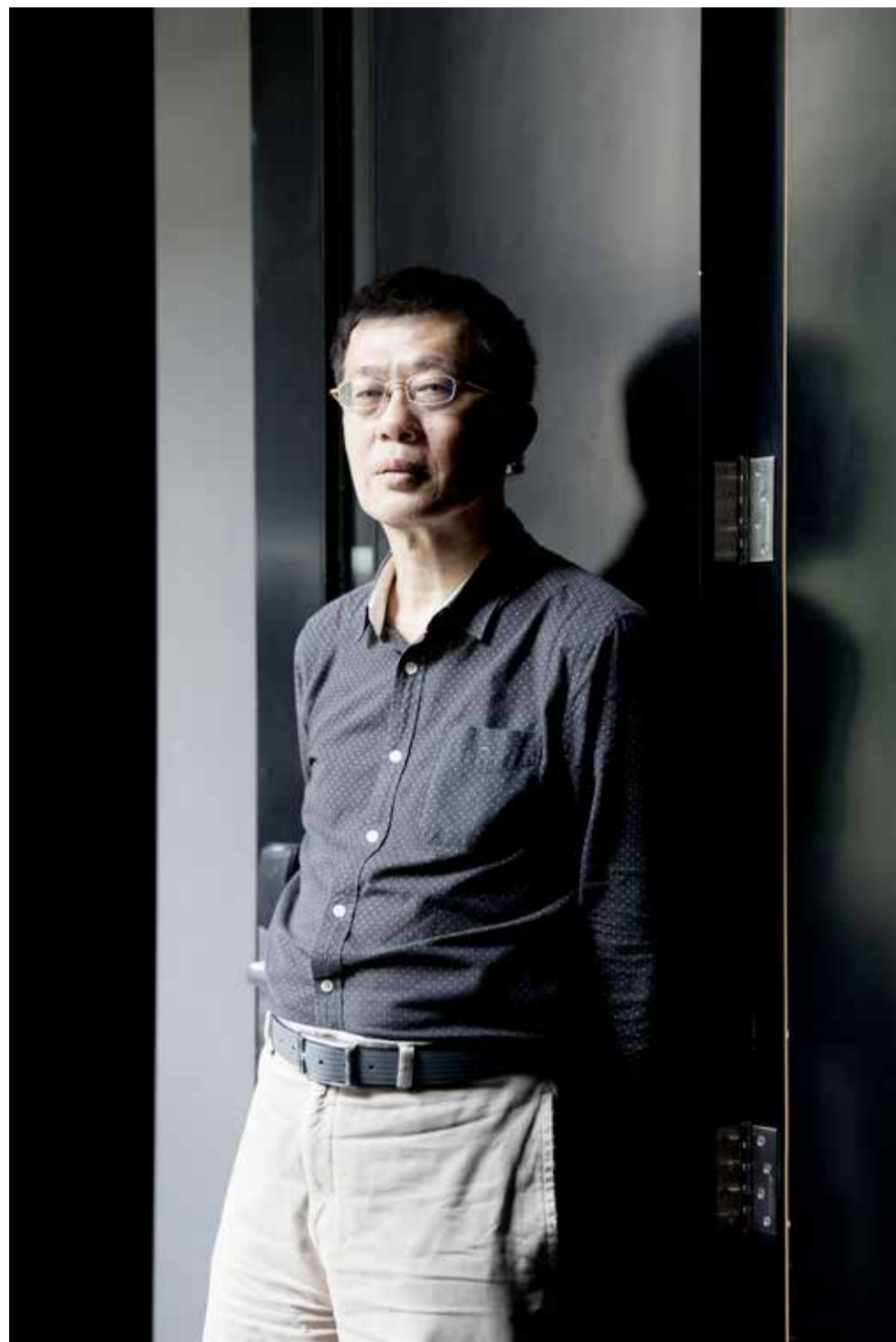
cebeu uma chamada do editor do The China Times, um dos mais prestigiados jornais em Taiwan, perguntando-lhe se o trabalho de Milosz lhe era familiar. O editor tinha feito diversas chamadas durante toda a noite, mas não conseguiu encontrar nenhum chinês que conhecesse o poeta. Por acaso, Chen tinha na mão, naquele momento, um livro de poesia em inglês de Milosz. Surpreendido pela coincidência, o editor convidou-o a traduzir, imediatamente, um poema, para conseguir cumprir o prazo de publicação do jornal. Naquela altura, sem computador ou Internet, Chen fez uma rápida tradução de um poema e leu-a ao editor, palavra por palavra, através do telefone. No dia seguinte, o The China Times foi o primeiro jornal sinófono a publicar em chinês um poema de Milosz.

Apesar das coincidências, Chen não atribuiu tudo à sorte. O seu alcance de leitura deu-lhe amplas oportunidades. Quando tinha perto de 18 anos, o poeta lia qualquer coisa que o interessasse, desde história da literatura, história da filosofia, catálogos de música e até livros de matemática japonesa. As suas leituras abrangentes levaram-no a enveredar pelos meandros da tradução e o exercício acabou, depois, por influenciar a sua escrita. Chen combina na sua poesia elementos do Modernismo e do Pós-Modernismo Ocidental com os méritos do Oriente e a língua chinesa: “Escrever e traduzir ajuda-me a lidar com a complexidade e a simplicidade e torna-me auto-suficiente”. reconhece o autor. “Eu não quero concordar com o mundo. Só quero ser uma alavanca para o mundo da leitura, fazer o meu melhor para fazer chegar alegria aos outros”.

IMAGINANDO PORTUGAL

Assim que percebeu que o PONTO FINAL é um jornal em língua portuguesa, Chen ficou muito entusiasmado. Contou-nos que tem uma conexão natural com Portugal. Numa das suas prosas intitulada “Imaging Portugal”, ele escreveu, “Não gosto de ir para fora... Mas quando me perguntam que país gostaria de visitar, a minha resposta é Portugal”.

“O primeiro nome da minha terra-natal, Hualien, foi atribuída pelos portugueses em 1500. Eles vieram aqui e descobriram que o Rio Liwu produzia ouro, então deram-lhe o nome de Rio de Ouro”, contou Chen. No seu livro de poesia “My City”, Chen escreve, “The beautiful Island, conquered them, with its translated beauty (A formosa ilha, conquistou-os, com uma beleza que se traduz). Mas essa não é a única razão. Para Chen, a imagem de Portugal tem muito que ver com o fado: “Tenho saudades do Fado de Coimbra”. Chen lembrou a emoção que sentiu quando ouviu a música “Coimbra” pela primeira vez, “na graduação, os estudantes usam diferentes fitas nas faculdades, a Faculdade de Direito é amarela, a Faculdade de Letras é cor-de-rosa. É preciso cantar para uma professora, à janela, até ela ficar comovida e acenar que te podes graduar...”



EDUARDO MARTINS

Chen colecionou mais de 100 álbuns de Fado, comprou livros caros da Amazon, tentou, de todas as formas, compreender o significado das letras das músicas e até traduziu algumas delas para chinês. A primeira coisa que fez depois de se reformar foi sentar-se e escrever um artigo de dez mil páginas sobre o Fado. “Posso dizer que sou o único escritor chinês que alguma vez escreveu com tanto detalhe”, diz Chen, orgulhoso. O texto fez com que o poeta fosse convidado para orientar na Universidade de Pequim uma palestra inteiramente dedicada ao Fado. “Toquei alguns fados, e alguém chorou ime-

diatamente”, lembra Chen. O artigo está incluído num dos seus livros sobre música e a versão em chinês simplificado vai ser lançada, na República Popular da China, no próximo ano.

“A razão pela qual aceitei vir a Macau desta vez, por um lado, foi para conhecer outros poetas aqui; por outro lado, esperava encontrar uma certa aura do Fado aqui também. Mas, infelizmente, estou na Universidade de Macau durante pouco tempo.” Chen despede-se, por isso, com pena, “Macau é o meu consulado oriental de sonho do Fado. Espero voltar em breve para descobrir mais”, atesta.



EDUARDO MARTINS

História e património de Macau em fotografias

As fotografias premiadas no Concurso sobre o Património Mundial e o Centro Histórico de Macau promovido pelo Instituto Internacional de Macau vão estar em exposição no dia 6 do mês de Novembro. O concurso, que procura promover um maior conhecimento sobre a história da RAEM, sobre as tradições do território e do seu património junto dos cidadãos locais mais jovens, é uma iniciativa co-organizada pelo Instituto Internacional de Macau, Associação de Fotografia Digital de Macau e Clube Leo Macau Central e contou com o patrocínio da Fundação Macau. A exposição, apoiada pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST), vai apresentar os trabalhos de Leong Hio Kuan, Chan I Kuan e Ng Man Fei na categoria de estudante e Ng Ka Ho, Lei Heong leong e Alice Im na categoria geral. A sessão de inauguração e a entrega dos prémios está agendada para as 15h, no rés do chão do Edifício Ritz, no Leal Senado.

MUST entra no espírito do Halloween

A MUST Art Troupe, plataforma artística promovida pelo alunos da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, vai realizar o “Halloween Carnival” para celebrar a quadra festiva que se avizinha. O evento, agendado para a próxima segunda-feira, vai dinamizar várias actividades temáticas, com figuras emblemáticas da quadra: zombies, múmias e cadáveres que tais. O “Halloween Carnival” vai contar também com música, dança e animação: “A Abertura do Teatro Negro” vai ser apresentada pela Orquestra da MUST e “A Caça ao Monstro – Wuba” e “A Viúva Negra” são os temas que inspiram os espectáculos de dança. Os jogos, os concursos de disfarces de Halloween e as tatuagens henna também farão parte da noite festiva, sem qualquer custo para os participantes. O “Halloween Carnival” vai decorrer das 19h às 21h, no campo de basquetebol em frente ao Bloco G da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau. A entrada é gratuita.